

## ORTODOXIA E LULISMO EM PORTUGAL (um depoimento seiscentista)

Francisco da Gama CAEIRO  
(Universidade de Lisboa)

A projecção em Portugal das diferentes fases da história do Lulismo espanhol vem, uma vez mais, confirmar essa lei da reciprocidade de influências e repercussão de sucessos entre culturas das duas nações.

Tem assim o maior interesse conhecer o desenvolvimento e a configuração própria que as doutrinas de Lúlio assumiram entre portugueses, cotejando-as com as expressões equivalentes ou afins em outros centros peninsulares<sup>1</sup>.

Caso bem significativo foi o da reacção suscitada no séc. XVII pela tentativa de introdução no país de uma obra luliana, que em Bruxelas se imprimiu no ano de 1663, traduzida para castelhano e comentada por Alonso de Zepeda y Andrada a: **Arbol de la Ciencia de el muy Iluminado Raymundo Lulio**.

A fortuna das doutrinas lulianas, em seiscentos, esmaecia em fogachos efémeros, um pouco por toda a parte, excepção feita a esse reduto de Maiorca, onde os compatriotas do filósofo ensaiavam novas orientações, no lúcido propósito de actualizarem o pensamento daquele com mais modernas exigências especulativas ou eruditas. Assistia-se então a uma generalizada fase de declínio, que a sorte destas correntes faz alternar, ritmicamente, ao longo dos tempos, com momentos altos de entusiasmo e apogeu.

Que as mentalidades da época, extintas como estavam as curiosidades humanísticas sobre a figura do "Doutor Iluminado", se não abriam à aceitação da sua filosofia, fica bem patente na regularidade, quase pendular, com que cada novo surto de Lulismo se sucedia, tarde ou cedo, correspondente e inevitável reacção de vivo repúdio, como já notaram os Irmãos Carreras y Artau<sup>2</sup>.

Na verdade, razões profundas conduziam ao desfavor destas correntes os ânimos mais cultos da época, dominados pelo gosto das grandes construções sistemáticas e por certo tipo de sensibilidade aristocrática, que os impediam de atingir o interior e radical significado do Lulismo, do

qual somente retinham o aparato externo, de cunho apológico e popular.

E é nesse aspecto de extensão ao Ocidente peninsular das preocupações, da mentalidade e correntes filosóficas vigentes em outros países, que tem interesse o exame deste **brote tardío del lulismo cortesano imperante en el reinado de Felipe II**,<sup>3</sup> que será a edição seiscentista da *Arbol de la Ciencia*.

Curto período mediara, na verdade, desde que a obra saíra dos prelos das oficinas flamengas até demandar as necessárias licenças para correr em Portugal. Com efeito, um censor do Santo Offício, ao qual fôra cometido encargo de sobre a mesma se pronunciar, firmava o seu nome no final de um extenso parecer em janeiro de 1665: — o teólogo e afamado escritor português Bento Pereira. Julgamos que do relativamente breve lapso de tempo não seja legítimo extrair demonstração, ou sequer argumento, em favor de ansiedades ou preocupações vivas pelo Lulismo entre nós: o intervalo era o normal e as obras então seguiam seu curso, em aguardarem a auréola do prestígio na origem para iniciarem a aventura migratória pelo mundo. E quando a suposta curiosidade de leitores e consequentemente lucro de livreiros intervissem como estímulo — mais rapidamente se divulgam ainda, tal como sucede em nossos dias.<sup>4</sup>

Decorrido pouco mais de um ano,<sup>5</sup> fora tempo suficiente para o lançamento comercial da edição, contando com possíveis entabulações entre os agenciários da Flandres e de Portugal e, o que é mais para erre por vezes demorado Tribunal dispôr, no caso presente, do **Juízo ou Censura que dá o P. Bento sobre o livro que se lhe entregou para censurar, intitulado, Arbol de la Ciencia del muy Iluminado Maestro Raymundo Lullio**.

Desde séculos que entre a Flandres e Lisboa se traçara importante estrada marítima: e os portos dos Países Baixos serviam, a par das outras mercancias, o comércio intelectual das ideias e dos livros. Referida ao século seguinte, publicamos documentação de onde se inferia que, ainda em 1751, dado que era **contínuo el comercio de Lisboa a Amstardam, de ésta a Francfort de Francfort a Moguncia**, o itinerário mais conveniente para os libros provenientes desta última cidade alcançaram o país, era o de recorrer ao grande entreposto holandês.<sup>6</sup>

Bento Pereira homem demúltiplos talentos e vasta cultura humanística, grangeara fama na Companhia de Jesus pela autoria de várias obras, uma das quais alcançara extraordinária fortuna escolar, a **Prosodia in Vocabularium Trilingue Latinum, Lusitanum et Castellanium digesta**.

Polígrado operoso, salientava-se pela penetrante lucidez e sólida erudição com que ensinara Teologia na Universidade de Évora — e não custa aceitar que esses méritos o tenham indigitado para censor do Santo Tribunal.<sup>7</sup>

Na extensa **Censura** em apreço tomava Bento Pereira posição francamente hostil ao pensamento do **Doutor Iluminado**.

Se, nesta época, como orientação dominante, o "anti-lulismo europeu sai do terreno teológico, em que se colocara Gerson no Renascimento, para se situar no plano filosófico",<sup>8</sup> a verdade é que o jesuíta português, já pela destinação do parecer ao S. Ofício, já pela sua dupla formação de filósofo e teólogo, analisa largamente o **Arbol de la Ciencia** sob esses dois aspectos.

A decidida condenação do Lulismo exarada na **Censura** não provinha, é bom acentuá-lo, de expressa orientação que o vinculasse, dimanada de sua Congregação. Mas a verdade é que, estando a defesa da Ortodoxia católica confiada àquele tribunal, B. Pereira não podia ignorar o revez que a questão luliana sofrera em Roma, após pareceres desfavoráveis de sete censores e a atitude de grande reserva que Paulo V tomara na contenda. A aduzir a tal circunstância, poderíamos ainda invocar a orientação aristotélico-tomista perflhada pelos mestres de Évora e de Coimbra, cujo labor filosófico se compendia nos célebres **Conimbricenses**, pelos quais se estudara filosofia na Europa, na primeira metade do séc. XVII.

Mas valendo tanto, ou ainda mais do que esses factores, evidenciava-se o sabor anacrónico de uma obra, cuja tardia versão para castelhano desencadeadora, desde logo, na Flandres, violento diatribe com os judeus. E curiosos é notar que o seu mais violento impugnador fora, ainda aqui, um português emigrado, Oróbio de Castro, cujo ataque se dirigia a Lúlio, não em defesa da ortodoxia católica, mas, como é óbvio, em nome do proselitismo judaico, reivindicado no plano religioso, e da filosofia peripatética, no domínio filosófico.<sup>9</sup>

A "**Censura**" agora publicada reflete a sólida erudição, escolástica do autor, atido neste particular ditames da ortodoxia, aos argumentos das autoridades que citava como fidedignas.

— nas sentenças de "graves autores" em ordem à doutrina e à pessoa de R. Lúlio;

— no exame dos méritos intrínsecos do método luliano e aspectos formais da obra;

— nas discussões das idéias, à luz da filosofia e teologia escolásticas.

Com o intuito de trazer à liça defensores e atacantes, aduz somente, em favor do maiorquino, além do próprio Zepeda, a cujo livro a **censura** respeitava, Fr. Arturus a Monasterio, do qual transcreve a breve resenha histórica inserta no **Martiroológico Franciscano** (1638), e ainda João Seguí, de quem cita uma obra, escrita a instâncias de Felipe II cuja composição se fez, ou ultimou, em Lisboa: **Vida e hechos del glorioso Doctor y mártir Ramón Lull**.

Dos passos dessa Vida, impressa em 1906, textualmente reproduzidos no parecer, se colhe a intenção do censor, ao escolher precisamente aqueles que mais se prestavam a perigosa e erradas interpretações sobre o alcance do Lulismo, como o da comunicação, feita por Cristo ao filósofo, dos princípios da **Arte Geral e comum a todas as ciencias**. 10

Precisamente um dos aspectos mais fecundos e surpreendentes do Lulismo — a ampla intenção ecuménica da conversão dos povos, resultante do livro diálogo da inteligência no encontro de homens de diferentes credos; a ambiciosa tentativa de despojar o pensamento de tudo quanto se não circunscrevesse à pura racionalidade, e daí, como lógica implicação, a ausência, no plano de actuação apológica, das citações das autoridades da Igreja ou sequer dos textos da própria Revelação — toda essa magnífica e generosa intenção de criar uma filosofia simultaneamente profunda e simples, aspirando a atingir o carácter do rigor, da evidência racional, da objectividade das leis universais e necessárias, para assim dispôr de uma “arte” inventiva e de fácil aceitação popular — tudo isso, constituía a um mundo cujo sentido escapava profundamente a Bento Pereira.

Assim compreendemos facilmente a condenação proferida, apoiada aliás em razões de atendível prudência, dadas as hesitações da Cúria romana, suficientes, no entender do censor, para se **deverem proibir** (as doutrinas) **enquanto a Sé Apostólica as não determinar...**

Não se pode negar densidade a toda esta discussão, a cada passo documentada com autores que cita directamente, numa erudição condigna do seu prestígio de abalizado teólogo. Desfilam os nomes desses terríveis impugnadores que foram Nicolau Eymerich, Fr. Bernardo de Luxemburgo, D. Jodocus Coccius, e dos intervenientes na polémica luliana, Abraão Bzóvio e Dermício, Espondano, o Cardeal Belarmino e Lucas Wadingo, cujos juízos moderados, e por vezes indecisos, aproveita para uma interpretação desfavorável à causa do solitário de Randa.

A corroborar as suas construções, aduz uma longa teoria de filósofos e teólogos escolásticos, todos dos séc. XVII, de cujas obras revela minucioso conhecimento: Francisco Soarez granatense, os Conimbricenses, Vasques, Lugo, Banhes, Granado, Rúbio, entre outros.

Fundamentalmente, as idéias de Lúlio são aqui apreciadas, não à luz de seus próprios méritos — e seria sumamente interessante a discussão em plano filosófico e teológico que sobre elas travaria um pensador tão adestrado como Bento Pereira — mas, quase sempre, aferidas pelas opiniões dos **autores graves** escolásticos. A cada passo, desse cotejo de sentenças, se conclui em desfavor das concepções lulianas as **quais parecem falsas, e alheias de toda a boa aristotélica filosofia** e se manifesta estranheza pela **novidade e futilidade** da terminologia utilizada...

Estaremos assim em face de pura e estéril compendiação de argUMENTOS de Autoridade? De modo algum. O exame desta peça revela-nos

que Bento Pereira pós à prova a sua fina qualidade de comentador, saliente em mais dum ponto, pelo rigor analítico, como quando aprecia a doutrina da necessidade da Encarnação,<sup>11</sup> a possibilidade de conhecer a Sas Trindade por razões naturais e científicas,<sup>12</sup> ou quando aponta tautologias e incoerências nos raciocínios de Lúlio, desenvolvendo a propósito certas considerações de natureza filosófica.<sup>13</sup>

Creemos ter apontado as circunstâncias explicativas da posição de crítica ao Lulismo assumida por Bento Pereira: em rigor, não seria de esperar solução diferente. O que este revelou, precisamente pelas razões aí referidas, foi certa incapacidade de discernir o que de subsistente apresentava o Lulismo, para além das aparências isotéricas de um pensamento adrede confundido com a cabala. Foi-lhe assim impossível atingir o próprio âmago da filosofia, cujo profundo sentido antropológico e cristocêntrico lhe escapara. Limitou-o porventura o revestimento histórico e circunstancial de uma reflexão mais do que qualquer outra comprometida na temporalidade e determinada pelos condicionalismos dum certo espaço humano e geográfico (embora paradoxalmente dominada pela ambição de transcender as fronteiras dessa contingência). Faltou-lhe esse esforço libertador, e simultaneamente integrador que, pouco depois, o jesuíta alemão P. Kircher havia de empreender em relação à filosofia de Lúlio, na *Ars magna sciendi* (1669) ou ainda que o levaria Leibniz a descobrir, na mesma fonte, o ponto de partida para a genial concepção da Lógica inventiva e simbólica na sua *Dissertatio de arte combinatória* (1666).

O documento agora apresentado pode servir de paradigma das concepções filosóficas de seiscentos? Não ousaríamos atribuir-lhe esse valor, nem definir uma época pelo que pudéssemos surpreender num escrito isolado, mormente quando tantas interrogações se levantam e permanecem sem resposta. Não repugna aceitar que a nota tónica, no ensino da filosofia ministrado entre os muros das escolas, fosse a de um anti-lulismo decidido, quando se chegasse a tomar posição perante o problema. O mais provável, e por quanto nos foi dado apurar, dada a inexistência de qualquer tradição didáctica nesse sentido, seria a completa omissão, o silêncio que tanto pode significar repulsa, como traduzir desconhecimento, dessa filosofia. Mas o panorama, ainda que fosse válido, não nos habilitava a concluir pela ausência de preocupações culturais por Lúlio, no séc. XVII. Pelo contrário, os escassos dados que no momento possuímos, levam-nos a suspeitar da existência de curiosidades pelo lulismo, fora e mesmo para além do domínio da filosofia escolástica, de âmbito marcadamente escolar. Sem desenvolvermos por agora este ponto, acrescentaremos somente que alguns traços característicos das idéias, e mesmo da figura de Lúlio, poderiam facilmente encontrar eco em certo tipo de mentalidade nacional, propensa a valorizar, talvez por reacção à pura racionalidade e à abstracção, as figuras e as ideias mais densas de significação, abertas a interpretações diferentes, cujo senti-

do transcendia os limites determinados pela simples especulação. De qualquer modo, as obras de Lúlio existentes em várias livrarias, tanto impressas como manuscritas, que provinham não apenas do espólio de gerações anteriores, mas de aquisições dessa época — algumas delas teriam sido escritas no século XVII<sup>14</sup> — legitimam pelo menos, e desde já, que ao problema dediquemos toda a atenção.

Em primeiro lugar, é mister inquirir, nos textos didáticos vigentes nas escolas de então, as possíveis influências lulistas, patenteadas em obras que, não se ocupando directa ou principalmente do pensamento do maiorquino, sofreram deste qualquer inspiração. Neste sentido, terá o maior alcance o estudo dos documentos anti-lulistas, já pela forma peculiar no aproveitamento apodíctico dos argumentos, já por trazerem à colocção, no calor da polémica, valiosos contributos para o conhecimento da real projecção do lulismo em certa época.

Assim, com a **Censura** cuja lição se reproduz em apêndice, procuramos chamar a atenção para a conveniência de novas investigações sobre o lulismo — em textos aparentemente alheios a este influxo, como o dos principais pensadores do **Siglo de Oro** espanhol, situados na mesma linha cultural dos filósofos e teólogos de Coimbra e de Évora, no que respeita à profunda reacção post-tridentina suscitada pelos ideais de Reforma.

Além da extensa resenha de obras que na presente **Censura** se encontram mencionadas — e Bento Pereira alude, entre autores do século XVII, tanto a defensores como a adversários do lulismo — teríamos a considerar muitas outras mais, como, por exemplo, a do dominicano D. João de Portugal, Bispo de Viseu, **De Gratia increata et creata**, publicada em Coimbra, no ano de 1627.<sup>15</sup>

A repercussão do lulismo em Portugal, através da indirecta ou remota inspiração do pensamento do **Iluminado** oferece, na verdade, grande interesse. Lembremos, a este propósito, a presença de certo tipo de lulismo enciclopédico, chegado até nós por intermédio do Padre Kircher, cuja obra é estudada pelos **Conibricenses**, entre outras jesuítas<sup>16</sup> e, um pouco mais tarde, por outra figura que exercerá no meio intelectual português papel de primacial importância — o Teatino P. Rafael Bluteau.<sup>17</sup> Embora os códices deste último autor, que reflectem tais influências, pertençam já à centúria seguinte, Bluteau, por mais de um aspecto, pode considerar-se ainda ligado à reacção cultural dos “Modernos” que se desenca-deia no século XVII, trazendo para Portugal o influxo das novas idéias.

A numerosa pleiade de escritores seiscentistas portugueses que se mostram empenhados no lulismo, uma vez conhecidos e devidamente estudados, causar-nos-à surpresa e abrir-nos-à, seguramente, fecundas perspectivas na futura apreciação dos problemas culturais. Mas aqui, para limitar entusiasmos, ousadias e ambições, lembremos a sábia sentença do erudito investigador Pérez Martínez: **Creemos que la Historia del Lulismo**

**detallada y completa, debe escribirse después de trabajo previo de inventario.**<sup>18</sup> Es esta orientação aponta-nos o único caminho sério que temos a prosseguir...